



**SABERES E PRÁTICAS DE MULHERES NEGRAS DE COMUNIDADES  
REMANESCENTES DE QUILOMBOS NO VALE DO GUAPORÉ/RO**

Joely Coelho Santiago<sup>1</sup>

**RESUMO**

Esta pesquisa tem por finalidade refletir sobre saberes e práticas de mulheres negras de comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé/RO. Dentre os principais aspectos da pesquisa destaca-se o patrimônio afetivo e as experiências de vida, assim como o papel social desenvolvido pelas mulheres negras na reorganização e manutenção das comunidades remanescentes de quilombos na região guaporense. O estudo foi realizado por intermédio de entrevistas, aplicação de questionários e realização de conversas formais e informais, por meio dos quais foi possível estabelecer diálogos com Carneiro (2003), Perrot (2005), Bourdieu (2017), dentre outros. Sobre aspectos regionais: Bandeira (1988), Volpato (1993) e Teixeira & Amaral (2009), que apresenta suportes para compreensão da pesquisa regional. Em dias atuais, percebe-se que as mulheres negras de comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé, apesar do diverso contato com práticas culturais diferentes das suas, ainda preservam traços da cultura ancestral, que podem ser observados em seus modos de vida e na manutenção dos saberes tradicionais, bem como, em alguns aspectos na cura de enfermidades, na culinária e na música, que, nesse contexto, se tornam relevantes para a manutenção da cultura e preservação da memória das mulheres negras de comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé. Não obstante, observa-se, ainda, que o papel desenvolvido pelas mulheres negras guaporenses contribui significativamente na constituição histórica e identitária regional, que, apesar de, também, possuir presença de indígenas e bolivianos, por se localizar em região de fronteira, mantém fortes traços da cultura negra e ribeirinha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres negras. Saberes e práticas. Pedras Negras. Vale do Guaporé.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História e Estudos Culturais da UNIR. Bolsista da CAPES. Pesquisadora no GEPIAA (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares Afro-Amazônicos). E-mail: [joelicoelhosantiago@live.com](mailto:joelicoelhosantiago@live.com)



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abrolha da inquietação em analisar os saberes e práticas de mulheres negras de comunidades remanescentes de quilombos localizadas no Vale do Guaporé/RO, assim como o papel social desempenhado pelas mulheres na reorganização e desenvolvimento de suas comunidades remanescentes, tema este pouco discutido e registrado na historiografia regional. Por muito tempo, a história das mulheres fora “esquecida”, antes pensada e escrita sob a ótica eurocêntrica. “Numa rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. Para o homem, o trabalho da terra e as transações do mercado. Para a mulher, a casa, a criação de animais, o galinheiro e a horta” (PERROT, 2007, p. 111).

A divisão de trabalho, socialmente construída, entre homens e mulheres perpetuam o controle masculino e a condição de subordinação da mulher, ainda, enraizados em toda sociedade. “[...] A diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os *gêneros* e, principalmente da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 2017, p.24).

Se para a mulher resultou apenas o silenciamento na História, às mulheres negras, empobrecidas, essa realidade é ainda mais significativa, pois gênero, cor e classe social distanciam ainda mais a mulher negra da relação de igualdade com o gênero masculino. Sobre esse aspecto, Angela Davis (2016) analisa a mão de obra das mulheres negras nas sociedades:

Desde o período da escravidão, a condição de vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas tem sustentado muito dos mitos duradouros sobre a “imoralidade” das mulheres negras. Nesse clássico “círculo vicioso”, o trabalho doméstico é considerado degradante porque tem sido realizado de modo desproporcional por mulheres negras que, por sua vez, são vistas como “ineptas” e “promíscuas”. Mas as aparentes inépcia e promiscuidade são mitos que se confirmam repetidamente pelo trabalho degradante que elas são obrigadas a fazer (DAVIS, 2016, p. 100).

Acerca desse aspecto, pelas tradições passadas de geração a geração, verifica-se o significativo trabalho das mulheres negras no interior das suas comunidades guaporenses, contudo há uma grande invisibilidade destinada às mulheres nesses espaços, uma vez que aos homens são garantidos os principais atributos sociais e religiosos. O exemplo disto, na Comunidade remanescente de quilombos de Pedras Negras, localizada no município de São



Francisco do Guaporé, as decisões coletivas são lideradas pela matriarca, que conta com a colaboração de outras mulheres do povoado, contudo o cargo de presidente e vice na associação da Comunidade é sempre ocupado pelos homens.

No caso deste estudo, propomo-nos refletir sobre saberes e práticas de mulheres negras guaporenses a partir de recortes feitos de narrativas orais de vida de pessoas que nasceram e viveram em comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé/RO a partir dos anos 1940. Acredita-se que proceder a registros sobre a forma como as mulheres negras guaporenses movimenta-se, social e culturalmente em suas comunidades remanescentes de quilombos, enquanto sujeitos ativos em organizações diversas é uma forma de contribuição com a garantia de respeito e valorização da memória das mulheres negras, visto que o apagamento nas pesquisas acadêmicas, de alguma maneira, afeta o caminhar histórico da região.

## 2 IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO PESQUISADO

Os colaboradores da pesquisa são, em grande maioria, mulheres negras, com faixa etária superior a 67 anos de idade, contudo também foram realizadas entrevistas e conversas informais com homens mais experientes. O corpus relativo à contribuição das mulheres na manutenção e desenvolvimento das comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé provém de observação participante e registro fotográfico da pesquisadora que possui suas origens ligadas aos negros de Vila Bela/MT e Comunidade remanescente de quilombos de Pedras Negras, no Vale do Guaporé/RO.

A pesquisa, bibliográfica e de campo, do tipo qualitativa, foi desenvolvida no período de agosto a dezembro de 2018. As análises dos dados foram feitas a partir de recortes de narrativas e da observação participante junto às mulheres negras remanescentes de comunidades de quilombos no Vale do Guaporé. “Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém [...]” (BOSI, 1994, p.38).



Este estudo foi norteado pelos seguintes questionamentos: Quais os saberes e práticas delineados pelas mulheres negras remanescentes de comunidades de quilombos no Vale do Guaporé (RO) a partir dos anos 1940? De que maneira é possível garantir o reconhecimento e o respeito de seus valores herdados da cultura negra e ribeirinha?

Dentre as opções bibliográficas destacamos autores que abordam a questão da condição feminina e de relações de gênero, como Perrot (2005), Carneiro (2003), Davis (2016) e Bourdieu (2017). Especificamente sobre a região, Bandeira (1988) que fez um estudo sobre o processo histórico de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) – uma cidade construída e abandonada por seus primeiros habitantes, os brancos, sendo ocupada pelas populações negras remanescentes de antigos quilombos que por lá já viviam em seu entorno, constituindo-se, historicamente, um território negro; Volpato (1993), que fez uma análise do cotidiano de escravos em Cuiabá, na segunda metade do século XIX.

Ainda no contexto regional, utilizamos os trabalhos de Teixeira & Fonseca (2001) e Teixeira e Amaral (2009) que realizaram uma pesquisa acerca da formação etno-histórica das populações negras do Vale do Guaporé/RO. Além disso, utilizamos os Relatórios Técnicos de Identificação, Delimitação e Reconhecimento (RTID) das comunidades remanescentes do Estado.

## 2.1 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DAS POPULAÇÕES REMANESCENTES DE QUILOMBOS NO VALE DO GUAPORÉ

De acordo com Meireles (1989), o Vale do Guaporé tem sua nascente “nos contrafortes da Serra dos Parecis, em Mato Grosso” (MEIRELES, 1989, p. 15). Em 1743 teve início a ocupação colonial no Rio Guaporé pelos jesuítas espanhóis e portugueses que iniciaram a catequização aos povos nativos da região (Teixeira & Fonseca, 2001).

Como em todas as áreas do Brasil, de modo particular no Vale do Guaporé, os escravos foram trazidos a força por bandeiras portuguesas para realizar trabalhos diversos na época do Brasil Colonial. Sobre esse aspecto, Bandeira (1988) analisa que:

[...] os pretos, na sua força de resistir, inscrevem no discurso branco o antidiscurso de sua invalidez, da sua fome prematura, empunhando bateias, lavando cascalhos,



## Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

construindo a cidade, plantando e colhendo, moendo, fazendo melado, rapadura, açúcar e cachaça, farinhando, remando, fugindo, lutando, rezando e festejando (BANDEIRA, 1988, p. 79).

Submetidos ao trabalho escravo, torturas e castigos físicos os grupos escravizados fugiam para locais de difícil acesso no interior da mata amazônica e resistiam das mais diversas formas à escravidão. “A busca de esconderijo no mato, junto de outros companheiros, foi sempre a alternativa ousada na esperança de não serem capturados. Esses aglomerados de escravos vivendo nas matas eram os chamados “quilombos” (VOLPATO, 1993, p. 182).

Durante a segunda metade do século XVIII, eram comuns as fugas de escravos para os quilombos na tentativa de viverem em liberdade. Dos quilombos formados na região, o mais expressivo foi o “Quilombo do Quariterê, ou do Quariteté ou do Piolho, considerada a mais importante formação de quilombo em Mato Grosso pela consistência de sua organização” (BANDEIRA, 1988, p. 118).

O quilombo do Quariterê ou Piolho formou-se às margens do rio do mesmo nome - afluente da margem ocidental do Guaporé - a partir de escravizados negros e indígenas fugidos das minas auríferas do Mato Grosso, sendo invadido pela poderosa bandeira do Capitão-general João Costa Pinto, em 1770. Após a morte do líder do Quariterê, José Piolho, a Rainha Teresa, viúva, passou a administrar o local utilizando uma forma de governo específica, como enforcamento, castigos físicos, fraturas de ossos e o enterramento vivo aqueles que “desertassem” do quilombo (Bandeira, 1988).

Na organização do Quariterê, a Rainha Teresa era auxiliada por outras mulheres negras e mulheres indígenas. Na primeira destruição, em 1770, foram aprisionados mais de cem escravizados (79 negros, entre homens e mulheres, e 30 índios, entre homens e mulheres) levados acorrentados para Vila Bela. “Muitos morreram e muitos conseguiram evadir-se. [...] Capturados, os quilombolas sofreram castigos cruéis em praça pública, expostos à curiosidade do povo, e foram marcados a ferro” (BANDEIRA, 1988, p.119).

A invasão no Quariterê, em 1770, também, foi marcada pela captura e o suicídio da Rainha Teresa, que descontente com a destruição de seu quilombo e ter de render-se à dominação dos brancos preferiu tirar sua própria vida. Gesto de coragem e ousadia que fez de Teresa de Benguela tornar-se símbolo de luta e resistência para as mulheres afro-brasileiras.





## Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

Segundo Gomes (2015) a constituição dos quilombos era feita pelos homens, contudo a reorganização dos territórios ficava a cargo das mulheres. O autor chama-nos a atenção para as escassas notícias que se tem sobre as mulheres na reconstituição dos mocambos, visto que o papel das mulheres diante de ataques, armadilhas e arapucas foi de extrema relevância, pois segundo esse autor:

[...] cabia a elas esconder o máximo de grãos na cabeça – entre seus penteados – e escapar para as matas, o mais longe possível. A economia de um quilombo atacado era reconstituída exatamente a partir desses grãos. Outras indicações sugerem sua função religiosa de proteção dos quilombos ao entrarem em transe para adivinhar o momento e local dos ataques punitivos. Nos quilombos maiores, [...] as mulheres podiam estar representadas demograficamente. Seu papel na manutenção da família foi acompanhado da importância econômica na produção artesanal de utensílios e mesmo do enfrentamento diante das tropas escravistas (GOMES, 2015, p. 40).

Ao findar do século XVIII, o Vale do Guaporé vivencia um profundo estado de decadência e abandono dos colonizadores. Diante da inviabilidade econômica da região a elite branca decide mudar para áreas mais prósperas nas cercanias de Cuiabá, deixando para trás seus escravizados à mercê da própria sorte. Reinventando-os a si mesmos e compartilhando saberes e práticas culturais com os outros grupos da região fronteira, os negros escravizados tornaram-se senhores do Vale do Guaporé, estabelecendo-se na região como agricultores e extrativistas (Teixeira & Amaral, 2009).

No Vale do Guaporé localizam-se, em dias atuais, nove comunidades remanescentes de quilombos, são eles: Comunidade Forte Príncipe da Beira, Comunidade Laranjeiras, Comunidade Pedras Negras, Comunidade Rolim de Moura, Comunidade Santa Cruz, Comunidade Santa Fé, Comunidade Santo Antônio e Comunidade Tarumã. Destas, apenas a Comunidade Jesus localiza-se num afluente do Rio Guaporé, o Rio Miguel.

Segundo Gomes (2015), em outros anos as comunidades remanescentes do Estado de Rondônia somavam maiores números, contudo esses povoados vêm progressivamente vivenciando o despovoamento de seus moradores. A evasão dos remanescentes ocorre devido a diversos fatores, dentre eles a escassez de políticas públicas e a irregularidade da demarcação e titulação de terras ocupadas pelos remanescentes. Não obstante, somado a esses entraves, há a disputa pelas terras com fazendeiros, agropecuaristas e projetos de desenvolvimento, situações conflituosas que impedem que sejam feitos os trabalhos de



demarcação e titulação das terras remanescentes de quilombos. Corrobora Leite (2010) ao dizer que:

[...] o direito “quilombola” que a Constituição visa alcançar é o direito sobre o lugar, o direito não exclusivamente à terra ou às condições de produção, mas sobretudo o seu reconhecimento na ordem jurídica que é, antes de tudo, uma política de direitos humanos (LEITE, 2010, p. 35).

### 3 RELAÇÕES DE GÊNERO, MULHER NEGRA E BRANQUEAMENTO

Segundo PERROT (2005), a história das mulheres inscreve-se no campo mais vasto das ciências humanas, desigualmente cristalizadas pelo sexo posto, o masculino. Lutas lideradas por movimentos negros e ativistas negras, vem gradativamente proporcionando às mulheres papéis diferenciados e igualitários ao homem, contudo a história das mulheres não mudou muito o lugar ou a sua condição. Corroborando aos estudos de Perrot (2005) no que diz respeito à representação de mulheres e a ocupação de papéis específicos carregados de estereótipos e estigmas, dirá a ativista negra Djamilia Ribeiro: “[...] a mulher negra ainda é a gostosa do samba ou a empregada” (RIBEIRO, 2018, p. 49).

O discurso masculino, tido como ser humano “completo” fez com que restasse à mulher apenas o silêncio. “Os arquivos privados conservados nos grandes depósitos públicos são quase que exclusivamente os dos ‘grandes homens’, políticos, empresários, escritores, criadores” (PERROT, 2005, p. 12). O ambiente doméstico era onde a mulher tinha o seu único espaço de manifestação. PERROT (1988) ainda enfatiza:

Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos. [...] Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes (PERROT, 1988, p. 177-178).

Por muito tempo as mulheres foram esquecidas pela história, vista e pensada sob ótica eurocêntrica:

[...] o corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua



## Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e “motivado”, e assim percebido como quase natural (BOURDIEU, 2017, p. 24-25).

Direitos em prol da igualdade entre homens e mulheres vem sendo garantidos, contudo a figura masculina ainda é vista por muitos como superior, forte e mais produtiva do que a figura feminina, o que conserva o quadro de discriminação à mulher. “A mulher luta muito por direitos iguais, legal, tudo bem. Mas eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas”<sup>2</sup>.

Carneiro (2003) analisa que o movimento feminista concebeu as mulheres uma categoria social distinta, visto que essa manifestação levou em importância apenas a condição da mulher genérica, que é branca e de classe média, esquecendo-se de problematizar as outras categorias de mulheres oprimidas e discriminadas por suas características étnico-raciais. A ativista do movimento social negro brasileiro ressalta que:

Grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades (CARNEIRO, 2003, p. 02).

A mulher negra sofre preconceito duas, ou por que não dizer, três vezes, pois no caso de uma mulher negra, empobrecida, ela sofrerá preconceito por todas essas características. Não obstante, é preciso ressaltar que há diferenças significativas, construídas socialmente, entre homens e mulheres, assim como, evidentemente, há diferenças entre a mulher branca e a mulher negra, por exemplo, pois:

[...] as concepções de estética e beleza seguem a mesma orientação lógica, pois são influenciadas e moldadas pelos mesmos padrões hegemônicos (euro centrados), no qual sujeitos negros, com seus traços fenotípicos indesejáveis, são deslocados para as margens, as chamadas zonas de não-ser (SANTIAGO & ASSIS, 2017, p. 02).

---

<sup>2</sup> Matéria da Revista Crescer, G1: “Político diz que mulher deve ganhar menos porque engravidar”. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/>. Publicado em 23/02/2015. Acesso em 12 Set 2018.





Tentando encaixar-se no padrão hegemônico de beleza, afim de serem “aceitas” ou “menos feia” nesta sociedade racista e machista, coube a nós, mulheres negras submetermos a diversos processos químicos no cabelo e no corpo. Conforme Maria Aparecida Silva Bento (2002):

[...] o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identifica-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais (BENTO, 2002, p. 25).

Branquear-se foi imposto às populações negras, sobretudo as mulheres negras, vistas como possuidoras de uma beleza “feia” ou “exótica”, muito pouco representada nos principais meios midiáticos. Dentre os variados artifícios usados no processo de branqueamento, cita-se o clareamento dos pelos do corpo com a mistura de amoníaco com água oxigenada e o alisamento caseiro dos fios capilares pelas mulheres negras que usavam até mesmo gordura animal para “fritar os cabelos” (SOUZA, 2010, p. 298).

#### 4 METODOLOGIA E CORPUS

As informações apresentadas neste tópico são recortes de narrativas orais, obtidos por meio de entrevistas e conversas formais e informais com depoentes nascidos e criados em comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé, em dias atuais residentes no município de Guajará-Mirim/RO visto que ao longo dos anos muitas famílias migraram para o citado município com a perspectiva de melhores oportunidades de vida.

##### 4.1 EDUCAÇÃO ESCOLAR E FAMILIAR E ATIVIDADES EXTRATIVISTAS

COLABORADORA 01: “Estudei até a 3ª série lá em cima [Vale do Guaporé].” Ao comentar sobre a educação dos pais, ela informa: “Muito rígida. Filho quer bater no pai, quer bater na mãe. Aquele tempo não, só no pai olhar Ave Maria! Aquela criança de seis anos não ficava pra lá e pra cá, não” (Sra. Beth, 66 anos).



COLABORADORA 02: Ao comentar sobre a educação dos pais e a geração de recursos econômicos a colaboradora responde: “A gente ia desde pequeno para o mato trabalhar a castanha, arrancar a poia. Quando casei, eu ia com meu marido para o seringal. Trabalhei no Rio Negro, trabalhei no Centrito, trabalhei em Matrinchã, trabalhei em Curichá, trabalhei no Tucum” (Sra. Olandina, 76 anos).

COLABORADORA 03: Sobre a educação familiar, a colaboradora dirá: “A gente era castigado por pouca coisa. Qualquer erro pouquinho que eu fazia, ela me dava um castigo medonho. Fui criada nesse costume.” Sobre o trabalho feito pelas famílias: “Saía seringa, entrava castanha. Quando chovesse, nós estava arrancando poia. Tudo isso eu fiz!” (Sra. Ana, 82 anos).

#### 4.2 TRATAMENTOS DE SAÚDE E AS ATIVIDADES RELIGIOSAS

COLABORADORA 01: Ao comentar sobre os tratamentos de saúde, a colaboradora lembra: “Eu tomo boldo, eu tomo crajirú, tomo chá de gerbão. Meu finado primo sabia orar no quebrante, hemorragia e mordida de cobra. Também ele sabia benzer pra desmaecer, secava aquele negócio” (Sra. Ana, 82 anos).

COLABORADORA 02: Ao comentar sobre os tratamentos de saúde, a colaboradora dirá: “A saúde, isso aí era muito ruim porque a minha filha morreu lá em cima [Guaporé]sem tratamento. Adoeceu, adoeceu, adoeceu e não já teve jeito.” Acerca das atividades religiosas: “Hoje em dia as pessoas tem o hábito de querer conquistar, mas eu sou católico e não abro mão. Se o catolicismo não vale nada, eu já nasci não valendo nada [risos]. Lá no Guaporé tinha muita gente que rezava pra quebrante, olho gordo, mau olhado e ferida braba” (Sr. Ambrósio, 91 anos).

COLABORADORA 03: Sobre as atividades religiosas, a depoente dirá: “Matava porco, matava galinha, matava pato. Por três dias era só dançar, rezar e dormir. Uma festa



potente era Divino Espírito Santo, hoje até desgosta porque está acabando tudo” (Sra. Francisca, 92 anos).

#### 4.3 PLANTIO DE SUBSISTÊNCIA

COLABORADORA 01: Ao comentar sobre a alimentação das famílias a depoente narra que: “Comia bem, minha filha! Fazia bolo de arroz. Fazia biscoito. A gente plantava macaxeira mansa, macaxeira brava, cana. Tinha muita galinha, porco e pato no terreiro” (Sra. Olandina, 76 anos).

COLABORADORA 02: Ao recorda-se da alimentação, segundo a depoente: “Quando era de manhã, eu cortava aqueles pedaços de carne seca, fritava, fazia uma farofa pisada no pilão. Esse é que era o desaiuno. É natural, né? Vai no rio pescar peixe natural, vai no mato mata dois, três veado, paca, porquinho do mato” (Sra. Francisca, 92 anos).

COLABORADORA 03: Ao comentar sobre a alimentação das famílias, a colaboradora dirá: “Era macaxeira de dois tipos: macaxeira mansa, macaxeira braba pra fazer farinha, pra tirar goma, pra vender. Era uma vida de rosa que era! Arroz, cana, banana, paçoca de carne de bicho do mato (Sra. Ana, 76 anos).

#### 4.4 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS COLABORADORES DA PESQUISA

Durante o estudo, foi possível perceber que as tradições das populações negras foram compartilhadas e ressignificadas entre os grupos populacionais existentes na região fronteira Brasil/Bolívia, que repassaram de geração a geração suas culturas e modos de vida, sobretudo as mulheres negras, guardiãs da memória e transmissoras do conhecimento, visto que a educação dos filhos era vista como atividade destinada apenas as mulheres.

A educação escolar na região do Vale do Guaporé só foi ofertada aos moradores a partir do projeto socialista e catequético de Dom Francisco Xavier Rey, meados do século XX (Assunção, 2012). Dom Rey oportunizou a trinta e uma meninas negras a educação primária



## Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

no internato católico do município de Guajará-Mirim/RO para exercer o serviço de Magistério e atividades diversas, como juízas de paz, conciliadores e enfermeiras. Formadas, essas professoras ficavam conhecidas pelos guaporenses como “filhas de Dom Rey” na medida em que voltavam para seus locais de origem para reproduzirem os aprendizados, sobretudo no que diz respeito a educação, saúde e religiosidade. As filhas de Dom Rey adquiriram *status* de prestígio no interior de suas comunidades, destinadas antes aos serviços considerados domésticos, oportunizando-as o direito a voz e poder, visto que em cada comunidade havia uma mulher que era autoridade máxima.

Acerca do abastecimento das moradias, aquilo que não podia ser produzido nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé (tecidos, sal, anzol, munição, etc.) as famílias, mulheres, homens e crianças, trabalhavam durante todo os meses do ano nos diversos serviços existentes, como a extração de poaia<sup>3</sup>, látex e coleta de castanhas, e em menor escala, recebiam encomendas para trocar pele de animais silvestres com seringalistas e regatões<sup>4</sup> da região.

Sobre os festejos religiosos, esses vem perdendo gradativamente a sua força – pelo falecimento dos devotos e pela inserção de outras denominações religiosas, processo iniciado a partir da catequização dos povos da área pela religião dominante. Acerca dos elementos de cura que afetavam o silêncio da saúde dos moradores durante a segunda metade do século XX, esses eram garantidos por meio dos saberes dos mais experientes, que haviam recebidos de seus ancestrais o amplo domínio no conhecimento de plantas medicinais, sobretudo as parteiras e rezadeiras que com seus chás, rezas, simpatias e garrafadas auxiliaram os enfermos por muitos anos, onde a medicina oficial não havia alcançado.

A partir da reconstituição da memória coletiva e individual, os colaboradores desta pesquisa demonstraram em suas narrativas a importância da preservação de tradições e saberes herdados dos seus antepassados. Na culinária, isso se manifesta de forma peculiar, sendo comum encontrar na alimentação dos moradores, até os dias atuais, comidas e bebidas típicas da região guaporense, dentre elas: o biscoito de goma da macaxeira (Figura 01); a paçoca de carne seca onde amendoim, o massaco de banana ou macaxeira, a pamonha doce ou salgada

<sup>3</sup> Poaia: raiz usada para fins medicinais.

<sup>4</sup> Regatões: comerciantes que subiam e desciam a região guaporense com mercadorias diversas vendendo à prazo ao moradores.



## Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

(Figura 02); licores diversos(jenipapo, tangerina), a chicha e o aluá, bebidas preparadas com o milho fermentado. Ao comentar sobre a receita típica guaporense do bolo de arroz com mandioca, a colaboradora ensina:

[...] você pisa o arroz, coa o arroz; tira aquele fubá. Daí você vai, cozinha a macaxeira [mandioca], pisa a macaxeira, faz o massaco da macaxeira. Aí mistura naquele fubá. Coloca banha de porco, aí amassa bem. Botasal a gosto, aí mexe bem e deixa aí pra ele madruguar. Quando é madrugada você levanta e assa. Vai dar um bolo muito gostoso! (Sra. Francisca, 92 anos).

**Figura 01:** Geração de mulheres mais jovens preparando a massa do biscoito; Mulheres mais idosas fazendo o trabalho de modelagem do biscoito sob folhas de bananeira; Forno de barro – local onde o biscoito é assado.



Fonte: Joany Quintão, 2017.





**Figura 02:** Pamonhas, doces e salgadas, envelopadas em palhas de milho durante cozimento.



**Fonte:** Gislândia Cavalcante, 2018.

## 5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A pesquisa apresentou resultados significativos para o registro de saberes e práticas vivenciadas pelas mulheres negras de comunidades remanescentes de quilombos no Vale do Guaporé/RO que apesar do diverso contato com práticas culturais diferentes das suas ainda preservam traços de práticas ancestrais, estes observados em seus modos de vida, bem como, em alguns aspectos na cura de doenças em geral, na culinária e na religiosidade, que, nesse contexto, se tornam significantes para a manutenção e preservação da cultura guaporense. Percebe-se, ainda, que as experiências desenvolvidas pelas mulheres negras nas comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé contribuem significativamente na constituição histórica e identitária regional, transmitidas de geração a geração.

Neste processo, considera-se importante mencionar que os meios de comunicação, o acesso aéreo, fluvial e/ou terrestre às comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé e o contato com outras culturas, como por exemplo, bolivianos e indígenas, faz com que os grupos populacionais compartilhem, socialmente, seus saberes e práticas com os vizinhos na região fronteiriça Brasil/Bolívia.

Por fim, os resultados nesta pesquisa evidenciam que as mulheres remanescentes de comunidades de quilombos, residentes em dias atuais no município de Guajará-Mirim/RO,



# Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

preservam suas memórias, lembranças, ideologias e modos de vida herdados de seus ancestrais, principalmente as mulheres. A pesquisa alcançou resultados significativos que somente consultando a documentação escrita não abarcaríamos. Sendo assim, espera-se com este estudo contribuir para o reconhecimento, valorização e o respeito da memória das mulheres afro-guaporenses.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Izabel de Oliveira. **Memórias de Monsenhor Francisco Xavier Rey**: Dom Rey. São Paulo: Scortecci, 2012.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: IrayCarone & Maria Aparecida Silva Bento (Org.). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002, p. 25-58.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 19º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kuhner. 4ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003.

DAVIS, Angela Davis. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

LEITE, Ilka Boaventura. **Humanidades insurgentes**: conflitos e criminalização dos quilombos. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.) – Manaus: **Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia** UEA Edições, 2010.

MEIRELES, Denise Maldi. **Guardiões da fronteira**: Rio Guaporé, século XVIII. Vozes, 1989.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP : EDUSC, 2005.



Revista  
Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

\_\_\_\_\_. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTIAGO, Joely Coelho; ASSIS, Washington Luiz dos Santos. **Estética moderna e subjetividade:** o cabelo como símbolo do (auto)reconhecimento da identidade negra. In: Anais do Encontro Nacional em Análise de Discurso: exterioridade e ideologia, 2017.

SOUZA, Sérgio Luiz de. **Fluxos da alteridade:** organizações negras e processos idenitários no Nordeste Paulista e Triângulo Mineiro (1930 – 1990). Araraquara. 2010. 450 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2010.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional:** Rondônia. 2ª ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

\_\_\_\_\_; AMARAL, Gustavo Gurgel do. **As populações negras da bacia do Guaporé:** formação etno-histórica, espaço e natureza. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do (org.). **Multiculturalismo na Amazônia:** o singular e o plural em reflexões e ações. Curitiba: CRV, 2009.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do Sertão:** vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 / 1888. São Paulo: Editora Marco Zero; Cuiabá, MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.

#### FONTES CONSULTADAS

INCRA. **Relatório Técnico de Identificação, Delimitação e Reconhecimento (RTID) do Território Quilombola da Comunidade de Jesus,** 2007.

\_\_\_\_\_. **Relatório Técnico de Identificação, Delimitação e Reconhecimento (RTID) do Território Quilombola da Comunidade de Santo Antônio do Guaporé,** 2008.

\_\_\_\_\_. **Relatório Técnico de Identificação, Delimitação e Reconhecimento (RTID) do Território Quilombola da Comunidade Laranjeiras,** 2008.

\_\_\_\_\_. **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) da Comunidade de Remanescentes de Quilombos de Pedras Negras do Guaporé,** 2010.

\_\_\_\_\_. **Relatório Sócio-Histórico-Antropológico da Comunidade Quilombola de Santa Fé,** 2014.